

“Collorindo” as páginas da revista *Veja*. As narrativas e as imagens sobre o movimento dos Caras-Pintadas

Resumo: Por meio da análise das fotografias, manchetes e textos da Seção Brasil, procurou-se compreender como a revista construiu as narrativas que legitimaram as manifestações contrárias ao governo Collor, cristalizando-as no imaginário social como um modelo de participação política, embora suavizando seu conteúdo de contestação, restringindo-as a uma ideia de ética na política.

Palavras-chave: Revista *Veja*, Representação, Movimento dos Caras-pintadas, Análise Imagética

“Coloreando” las páginas de la revista *Veja*. Las narrativas e imágenes sobre el movimiento Caras-Pintadas

Resumen: A través del análisis de fotografías, titulares y textos de Seção Brasil, buscamos comprender cómo la revista construyó las narrativas que legitimaron las manifestaciones contra el gobierno de Collor, cristalizándolas en el imaginario social como modelo de participación política, aunque suavizando su contenido de contestación restringiéndolas a una idea de Ética en la política.

Palabras clave: Revista *Veja*, Representación, Movimiento Caras-pintadas, Análisis de Imagen

“Colloring” the Pages of *Veja* Magazine. Narratives and Images about the *Caras-Pintadas* Movement

Abstract: Through the analysis of the photographs, headlines, and texts of the Sessão Brasil, we sought to understand how the magazine constructed the narratives that legitimized the demonstrations against the Collor government, crystallizing them in the social imaginary as a model of political participation, while softening their content of contestation by restricting them to an idea of ethics in politics.

Keywords: *Veja* magazine, Representation, Caras-pintadas Movement, Image Analysis

Cómo citar este artículo: Douglas Ferreira dos Santos, Carolina Kesser Barcellos Dias y Renato da Silva Della Vechia, “‘Collorindo’ as páginas da revista *Veja*. As narrativas e as imagens sobre o movimento dos caras-pintadas”, *Trashumante. Revista Americana de Historia Social* 24 [2024]: 226-257.

DOI: 10.17533/udea.trahs.n24a11

Fecha de recepción: 15 de agosto de 2023

Fecha de aprobación: 11 de diciembre de 2023

Douglas Ferreira dos Santos: Doctorando en Política Social y Derechos Humanos de la Universidad Católica de Pelotas. Miembro del equipo de colaboradores de la *Revista Geração Z*.

Correo electrónico: acervo.dfs@gmail.com

 <https://orcid.org/0009-0002-3940-5876>

Carolina Kesser Barcellos Dias: Doctora en arqueología. Profesora permanente del Programa de Posgrado en Historia de la Universidad Federal de Pelotas.

Correo electrónico: carol.kesser@gmail.com

 <https://orcid.org/0000-0002-8566-1179>

Renato da Silva Della Vechia: Doctor en Ciencia Política por la Universidad Federal de Rio Grande do Sul. Miembro del Consejo Editorial de la Revista *História e Luta de Classes*. Profesor del Posgrado en Política Social y Derechos Humanos de la Universidad Católica de Pelotas (Adjunto IV).

Correo electrónico: rdellavechia@gmail.com

 <https://orcid.org/0000-0002-4441-7671>

"Collorindo" as Páginas da Revista *Veja*: as narrativas e as imagens sobre o Movimento Dos Caras-Pintadas

Douglas Ferreira dos Santos
Carolina Kesser Barcellos Dias
Renato da Silva Della Vechia

Introdução

A imagem de Fernando Affonso Collor de Mello, presidente eleito no segundo turno nas eleições de 1989, foi popularizada pelos meios de comunicação, sobretudo em mídias televisivas e impressas. Dentre essas, a revista *Veja* foi essencial para veicular imagens e textos que exaltavam sua jovialidade, apresentando-o como a única opção possível para solucionar as demandas do país e devolver a estabilidade política. Ao enaltecê-lo, a mídia contribuiu para criar, moldar e propagar sua figura de “Caçador de Marajás”.¹

Collor usou as propagandas gratuitas na televisão para difundir seu plano de governo e, durante a pré-campanha, participou de programas nas emissoras aliadas, conquistando, assim, novos parceiros para difusão de sua imagem. “Coube à mídia a função de ‘vender’ a imagem de Fernando Collor como uma espécie de ‘messias’, destinado a acabar com todos os males do país”.²

Fernando Collor utilizou todos os recursos disponíveis para se projetar nacionalmente. O marketing eleitoral deu-lhe o centro do “espetáculo” no cenário político: “Ideias e práticas de marketing que, anteriormente, eram exclusivas da prática empresarial passaram a ser utilizadas [...] com o objetivo de melhor se comunicar com seus públicos e, assim, poder ampliar sua popularidade”.³ Ainda,

1. Combatendo os altos salários de funcionários da administração pública.
2. Thaize Ferreira da Luz, “A influência da mídia na queda de um presidente”, *Biblos* 16 (2004): 46.
3. Ivan Policarpo e Joice Lopes Policarpo, “Marketing político: o caso da campanha presidencial de Fernando Collor de Mello”, *Anais do 4º Congresso Virtual Brasileiro de Administração* (2004): 4.

Collor incorporou as cores amarela e verde em seu material de campanha, criando também as expressões “Collorindo” e “Colloridos”.

Após assumir a presidência, Collor anunciou o “Plano Brasil Novo”, mais conhecido como “Plano Collor”, que teve como medidas a modernização administrativa, o congelamento de salários, o bloqueio de poupanças e contas correntes, a demissão de funcionários e a volta do Cruzeiro como moeda. “Prometeu a redução do papel do Estado, a eliminação dos controles burocráticos da política econômica, a abertura da economia e o apoio às empresas brasileiras para se tornarem mais eficientes e competitivas perante a concorrência externa”.⁴

O compromisso do novo presidente era com a política neoliberal, assim, dando início a privatizações e reduções alfandegárias. Mesmo não obtendo sucesso com o Plano Collor I, que desencadeou desempregos e o confisco de contas bancárias, causando grande insatisfação popular, seis meses depois, lançou o “Plano Collor II”, que, como o primeiro, não obteve sucesso. Foi nesse cenário que surgiram várias denúncias de corrupção, dentre elas as feitas por seu irmão, Pedro Collor, o qual revelou esquemas de lavagem e desvio de dinheiro.

A partir de denúncias veiculadas nos meios de comunicação, diversos segmentos da sociedade brasileira juntaram-se com o inesperado entusiasmo e adesão dos jovens e, o então denominado Movimento dos Caras-pintadas, saiu às ruas exigindo o *impeachment* do presidente Fernando Affonso Collor de Mello (1990-1992). Segundo Ann Mische, o movimento não pode ser chamado de “independente” pois teve o apoio de diversas agremiações,⁵ realizando manifestações em diversas cidades brasileiras com a participação de partidos políticos da oposição, grêmios estudantis, pastorais da juventude, entre outros.

O movimento contra Collor, que exigia a renúncia do presidente e ética na política, contou com a participação predominante da juventude, com notável presença de estudantes vinculados à União Estadual dos Estudantes (UNE), à União Municipal dos Estudantes (UME) e à União Brasileira dos Estudantes Secundaristas (UBES), embora tenha sido um movimento popular composto por famílias, grupos religiosos, partidos políticos e associações; idosos, adultos e crianças aderiram à organização.

As caras pintadas foram uma contribuição criativa dos adolescentes e jovens que integraram as manifestações. O ato de pintar os rostos, com a predominância das cores da bandeira nacional, surgiu pela necessidade de expressar o descontentamento com o cenário político, e demonstrar o patriotismo. Para Luiz Antonio Dias, foi uma resposta contrária ao pedido de Collor, realizado no dia 13 de agosto de 1992: para testar sua popularidade, o presidente pediu aos seus apoiadores que fossem às ruas com vestimentas nas cores verde e amarela, porém os manifestantes foram com roupas pretas, em luto simbólico, e com os rostos pintados nas cores

4. Josimar Gonçalves Silva, “A mídia na construção e destruição da imagem: o caso Collor de Melo”, *Revista Senso Comum* 2 (2012): 89.

5. Ann Mische, “De estudantes a cidadãos: redes de jovens e participação política”, *Revista Brasileira de Educação* 5-6 (1997): 134-150.

da bandeira, ressignificando o uso das cores para não serem confundidos com os defensores do mandato de Collor.⁶ O ato de pintar o rosto como forma de manifestação política, popularizou o movimento como os “Caras-pintadas”.

Para Mische⁷ e Dias,⁸ a mídia teve participação no Movimento dos Caras-pintadas quando legitimou as manifestações, divulgando-as na programação e, também, reforçando-as com obras ficcionais: ao exibir a minissérie *Anos Rebeldes*, a Rede Globo contribuiu para cativar os jovens que ainda não tinham aderido ao Fora Collor.⁹ A exibição da minissérie, que apresentou de forma romantizada as lutas contra a repressão no final da década de 1960 e início de 1970, despertou na juventude da década de 1990 “um novo herói: a juventude rebelde e politizada dos anos 60”.¹⁰

Diante das inúmeras denúncias de corrupção, dos pedidos do afastamento de Collor por presidentes de diversas organizações – como a Central Única dos Trabalhadores (CUT), a UNE, a Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), entre outras – e das manifestações organizadas nas cidades brasileiras, o Congresso Nacional deu início à votação do *impeachment*. Fernando Collor de Mello renunciou em 29 de dezembro de 1992, antes da votação, para não perder seus direitos políticos, mas, mesmo assim, foi cassado e impedido de exercê-los por oito anos. A presidência da república foi assumida pelo então vice-presidente Itamar Franco, que terminou o mandato.

A revista *Veja* teve um papel crucial na ampliação da visibilidade dos Caras-pintadas e, até hoje, ocupa um lugar simbólico na sociedade ao pautar temas de interesse do grande público, legitimando os discursos através das representações visuais e textuais, o que a torna uma importante fonte nesta pesquisa. É inegável que ela foi – e ainda é – um instrumento importante para disseminação de informações e construção de narrativas sobre fatos, tornando-se relevante para a historiografia brasileira.

A *Veja* é uma revista de grande circulação nacional, pertencente ao grupo Abril, fundado por Victor Civita e Roberto Civita em 1950, e sua primeira publicação foi no dia 11 de setembro de 1968. Aos moldes da revista *Time*, a *Veja* consolidou-se no país como um semanário que aborda temas sobre economia, política, cultura, lazer e entretenimento, alcançando abrangência nacional e internacional.¹¹ Mas essa revista é um aparelho privado de formulações de opiniões e memória, um produto mercadológico de construção e desconstrução de narrativas sobre fatos históricos, veículo de propagação e legitimação de discursos, e um

6. Luiz Antonio Dias, “Política e participação juvenil: os ‘caras-pintadas’ e o movimento pelo impeachment”, *Revista História Agora* 4 (2008): 9-11.

7. Mische 134-150.

8. Dias 4-14.

9. Mische 135-136.

10. Dias 5.

11. Carla Luciana Souza da Silva, *Veja: o indispensável partido neoliberal (1989 a 2002)* (Tese de doutorado em História, UFF/UNIOESTE, 2005): 55-56.

instrumento que está a serviço do neoliberalismo, o que interfere diretamente na construção de narrativas de fatos históricos. É fator determinante da escolha da revista *Veja* como fonte primária desta pesquisa o que afirmou Carla Luciana Souza da Silva: “Estamos diante de um sujeito político que decididamente se propõe a disputar hegemonia e sabe como fazê-lo”.

Este artigo é um recorte da pesquisa de mestrado¹² que verificou a representação visual e textual do Movimento dos Caras-pintadas na revista *Veja*, com o objetivo de compreender como esse editorial construiu as narrativas em torno do movimento popular que foi às ruas protestar contra o primeiro presidente eleito após o regime ditatorial brasileiro (1964-1985). As fontes utilizadas foram as edições publicadas durante 1992 onde as manifestações foram noticiadas. As imagens, manchetes e textos analisados que compuseram o *corpus* documental imagético da pesquisa foram publicados nas capas e na Seção Brasil da revista,¹³ atualmente disponibilizadas em Acervo Digital online.¹⁴

As pesquisas que usam revistas comerciais ou de consumo como fonte não são tão habituais na historiografia. Contudo, são documentos que devem, e precisam, ser analisados, pois são produtos cujos conteúdos refletem o seu contexto de elaboração. Considerando que são instrumentos de legitimação, difusão e construção de narrativas, as revistas são uma das ferramentas utilizadas pela imprensa na propagação de ideários, portanto, cabe ao historiador manuseá-las para delas retirar as informações tratando-as como documento histórico por serem compostas por elementos textuais e visuais que precisam ser analisados.

Para Ana Luiza Martins,¹⁵ essa modalidade de publicação apresenta diversas possibilidades de análises pois revela processos históricos, de costumes, usos e representação material, reunindo nesse conjunto, imaginários coletivos e visões de mundo. Para a autora,

Texto, imagem, ilustrações, reclames e seções — em princípio, independentes de análise mais profunda —, evocam em seu conjunto, de imediato, o quadro histórico em que se pretende transitar. E criam, igualmente, o risco de leitura amena e ligeira, decorrente do mero folhear dessas publicações de época que acabam por envolver o leitor/historiador no tempo pretérito que busca reconstruir. O processo de aliciante sedução é passível de levá-lo a registros precipitados e equivocados decorrentes, sobretudo, das mensagens edulcoradas da publicidade, ou por

12. A pesquisa foi realizada entre os anos de 2020 e 2022, no Programa de Pós-Graduação em História (PPGH) da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), e pode ser acessada por meio do link <https://guaiaca.ufpel.edu.br/handle/prefix/9227>.

13. A Seção Brasil é um espaço fixo destinado pela revista a abordar temas sobre o país.

14. Todas as edições da revista foram acessadas através de seu Acervo Digital entre os anos 2020 e 2022, por meio do link <https://veja.abril.com.br/acervo/>. A plataforma disponibiliza o mesmo link para todas as edições, sendo necessário realizar a busca por exemplares específicos. O acesso é exclusivo para assinantes.

15. Ana Luiza Martins, “Da fantasia à História: folhando páginas revisteiras”, *História* 22.1 (2003): 59-79.

vezes enviesadas da propaganda. Razão pela qual a fonte requer cuidados, em face dos apelos que transportam e induzem o pesquisador a configurações quase pictóricas do passado.¹⁶

Assim, pretende-se neste artigo acompanhar as mudanças de narrativa adotadas pela Revista *Veja* durante o ano de 1992, desde o início das manifestações populares contrárias ao presidente Collor, o que promoveu, inclusive, a nomeação do movimento como “Caras Pintadas”. Por meio de uma análise imagética, procurou-se mapear a dinâmica das edições semanais que, entre imagens, manchetes e textos, posicionaram a revista em relação ao movimento, documentando-o, promovendo-o e assim, disputando as representações daquele momento histórico, com o objetivo de demonstrar que a *Veja* foi se moldando para garantir/defender seus interesses, utilizando de forma eficaz o espaço que ocupa enquanto meio de comunicação.

Homogeneização? Quem foram os manifestantes segundo a *Veja*?

A primeira publicação em que as manifestações foram noticiadas pela *Veja* foi a capa da edição 1248, de 19 de agosto de 1992 (Figura 1). Na fotografia, segundo a legenda, estão estudantes “Secundaristas do Colégio São Vicente de Paulo, o mesmo onde Collor estudou”; em destaque, o título “Anjos Rebeldes – Colegiais na rua pedem a saída de Collor”. Ao dirigir-se aos estudantes como “Anjos Rebeldes”, a *Veja* utiliza-se de uma metáfora para afirmar que, mesmo com pouca



16. Martins 60.

Figura 1. Fonte: *Veja* 1248 [São Paulo] 19 de agosto de 1992.

idade, sua “rebeldia” está em evidência. O título é uma menção à minissérie *Anjos Rebeldes*,¹⁷ produzida pela Rede Globo.

Na fotografia, os estudantes estão em passeata pela calçada, alguns batem palmas e parecem estar falando ou cantando, ou, como mais comumente em manifestações, entoando “palavras de ordem”. Ao fundo, aparecem duas faixas carregadas por estudantes compondo a manifestação: elas identificam o grêmio estudantil, com as iniciais do nome da escola São Vicente de Paulo (S.V.P.), e fazem denúncias contra Collor. Na faixa cuja extensão é aparente, há o desenho de uma camiseta listrada e adornada pelo número 171 (artigo do Código Penal),¹⁸ como referência a um uniforme de presidiário, e o desenho de um grilhão preso a uma bola de ferro, utilizado para dificultar uma tentativa de fuga. Acompanha o desenho a frase “bonita camisa Fernandinho”¹⁹ – alusão a uma propaganda da marca de roupas UStop, veiculada em 1984.²⁰ Na faixa de tamanho menor, não visível na totalidade, é possível ler a palavra “chega” e, no ponto de exclamação, novamente a “bola de ferro”.

Considerando a idade dos manifestantes, estudantes secundaristas, sugere-se uma referência aos desenhos animados e quadrinhos para as ilustrações da vestimenta e do artefato de prisioneiro presentes nas faixas, muito comuns para caracterizar personagens “malfeitores” e bandidos.²¹

Na edição,²² a chamada de capa refere-se ao conteúdo de treze páginas da Seção Brasil, mas apenas nas seis primeiras as manifestações têm destaque; nas demais páginas, os desdobramentos das denúncias e da Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI). Nas páginas 18 e 19, cinco imagens ocupam mais do que a metade da

17. A minissérie está disponível na íntegra na plataforma digital “Globo Play”, para assinantes, e algumas partes no site de vídeos Youtube, de acesso gratuito. Sinopse: “Anos Rebeldes aborda a luta contra o regime militar brasileiro a partir do romance entre dois jovens com projetos de vidas diferentes”. <https://memoriaglobo.globo.com/entretenimento/minisseries/anos-rebeldes/>.

18. De acordo com o artigo 171 do Código Penal brasileiro, constitui-se crime de estelionato “Obter, para si ou para outrem, vantagem ilícita, em prejuízo alheio, induzindo ou mantendo em erro, mediante artifício, ardil, ou qualquer outro meio fraudulento: Pena – reclusão, de um a cinco anos, e multa, de quinhentos mil réis a dez contos de réis.” Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/topicos/10617301/artigo-171-do-decreto-lei-n-2848-de-07-de-dezembro-de-1940> (24/06/22).

19. A frase ilustrada na faixa, segundo afirmação da *Veja*, foi uma sugestão de Tereza Alvarez, aluna do colégio São Vicente em que, “casualmente”, ou como discorreu a revista, “ironias da História”, *Veja* 1248: 19), Fernando Collor estudou; um colégio frequentado pelos filhos da elite carioca.

20. O comercial faz uso da ironia ao retratar uma reunião de trabalho na qual a maioria dos funcionários imitam o chefe, menos “Fernandinho”, que se destaca por sua personalidade ao se vestir. A peça publicitária encerra com a seguinte narração: “o mundo trata melhor quem se veste bem”. A propaganda está disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=IMVj-FZSY0U>.

21. Esses modelos viraram referência para a representação de bandidos não só nos quadrinhos/desenhos, mas também nas produções cinematográficas, embora, atualmente, não seja mais utilizado nem nas prisões e nem nas produções recentes, como, por exemplo, *Orange is the New Black* (Série original da Netflix, 2013–2019), que retrata os uniformes padrão das presidiárias nas cores laranja e bege.

22. *Veja* 1248 (São Paulo) 19 de agosto de 1992: 18–23.

diagramação; em três delas consta a autoria, para as demais não há informações sobre o(s) autor(es), acompanhadas pelo texto jornalístico com o título “Alegria, alegria – Enquanto os governistas trocam favores, com humor e objetividade a rebeldia adolescente toma as ruas pedindo a saída do presidente”.

No início da reportagem, o editorial usa partes da canção “Alegria, alegria”, de Caetano Veloso, para iniciar a narrativa sobre as manifestações que, na concepção da *Veja*, foram animadas, afinal, esse é um dos aspectos positivos quando se referem aos adolescentes/jovens. O editorial faz alusão à minissérie *Anos Rebeldes* no texto e na legenda das fotos que compõem a Seção Brasil. As legendas das imagens estão distribuídas e formam três frases: 1) “A manifestação de sexta-feira no Rio:...” , “...o jeito divertido de protestar”; 2) A passeata de São Paulo: travessia do centro...”, “...embalada pela música de Caetano Veloso e pelo *Anos Rebeldes*”; e 3) “Linguagem direta: cartazes e...”, “...luto em vez do verde-amarelo” (Figura 2).

A grande foto ao centro da revista, de autoria de Egberto Nogueira, é da passeata ocorrida em São Paulo. Além dos secundaristas, pela pouca idade, há presença de universitários, pois diversas são as faixas que registram a participação de centros acadêmicos e/ou curso superior – duas do Centro Acadêmico XI de Agosto, do curso de Direito da USP, e outra do curso de Geologia da mesma instituição. Ao fundo, à direita, há um amontoado de faixas das quais pode-se ler apenas trechos como “Os estudantes de Carapicuíba... Fora Collor”, “Pátria livre”, “Nenhum

Figura 2. “Alegria, Alegria”



Fonte: *Veja* 1248 (São Paulo) 19 de agosto de 1992: 18-19.

estudante Fora da Escola. Abaixo... mensalidades do...”. A maioria das pessoas aparece com os braços levantados, batendo palmas ou com punho cerrado, e não há nenhum adolescente/jovem com o rosto pintado.

À esquerda, duas fotografias de manifestações que ocorreram no Rio de Janeiro: na primeira imagem, acima, é possível ver adolescentes em passeata, levando-nos a crer que a organização partiu de alguma entidade estudantil ou dos próprios alunos, pois é notório que alguns estão carregando acessórios escolares (mochilas e cadernos) e, em segundo plano, alguns estão com os rostos pintados. É possível identificar duas faixas, uma delas com a escrita “*Impeachment nelle!*”, e a outra em que, embora não tão nitidamente, é possível identificar a palavra “Chega”.

Na fotografia abaixo, além dos quatro jovens, há a presença de dois homens adultos que estão com olhar fixado em algo, como se estivessem acessando informação em algum objeto pela postura que se encontram. Há bandeiras nas imagens, mas somente em uma pode-se identificar as siglas da UNE; nas demais, não é possível distinguir do que se trata. Em primeiro plano, uma jovem está sentada nos ombros de um rapaz e os dois têm os rostos pintados na cor vermelha. Na fotografia acima à direita, de Paulo Jares, aparecem poucos jovens, em destaque há um que está segurando um cartaz estilo “pirulito” com a frase: “Pelo fim do mar de lama Collorido”. Na última imagem, de autoria de Oscar Cabral, há vários adolescentes ao fundo e, em primeiro plano, uma jovem amarrando uma tira preta em torno do braço de um outro jovem, ato que representou o luto pelo cenário político no Brasil.²³

A revista se refere aos manifestantes como “mauricinhos e militantes, skatistas e esquentados”. Ao descrevê-los assim, a *Veja* dá a entender que a adesão dos jovens foi geral, pois além dos militantes que, habitualmente, são engajados pela conquista de direitos, aqueles que pertencem às classes média e alta também foram às manifestações, o que dá um sinal de legitimação, afinal este é o público-alvo da *Veja*. Nestas linhas, é possível identificar uma divisão de classes defendida implicitamente pela revista ao mencionar mauricinhos, skatistas, militantes e esquentados:

Enquanto isso no Rio e em São Paulo, uma garotada bonita e bem-humorada, habituada a frequentar shopping centers e curtir a praia, entendeu muito bem o que está se passando nas altas esferas do poder. Em São Paulo, na terça-feira, eles gritavam: “Rosane, que coisa feia, vai com Collor pra cadeia”. No Rio, os colegas berravam: “PC, PC, vai pra cadeia e leva o Collor com você”.²⁴

A revista menciona as “palavras de ordem” que os manifestantes entoaram nas passeatas e que ficaram nacionalmente conhecidas e, até hoje, são cantadas/ditas em manifestações populares, com o mesmo ritmo, mas letras diferentes.

23. *Veja* 1248: 19.

24. *Veja* 1248: 18.

O texto traz informações sobre as manifestações que ocorreram em São Paulo e no Rio de Janeiro, e dá a palavra aos estudantes, citando-os, o que é muito comum em abordagens jornalísticas, mas também para afirmar que, de certo modo, os atos aconteceram em virtude da exibição da minissérie: “Tanto no Rio como em São Paulo, as marchas da juventude refletiam os Anos Rebeldes. ‘A gente era muito desinformada, só sabia que tinha havido uma ditadura’, explica Elaine Barreto Santos, 15 anos, aluna do Instituto de Educação, que, numa outra ironia, serviu de sede para os açucarados Anos Dourados, do mesmo Gilberto Braga”.²⁵

Na página seguinte, a matéria traz outras informações, talvez contraditórias, ou com a intenção de valorizar a iniciativa das manifestações, como pode-se constatar no trecho:

Apesar de todo o influxo da minissérie, é ilusão pensar que a vida imita a arte. Nas manifestações, os garotos demonstram uma percepção aguda do que está se passando. Eles resolveram num estalo o problema de fundo que o presidente do PT, Luís Inácio Lula da Silva, e o do PMDB, Orestes Quércio, discutiram na semana passada. Quércio disse a Lula que um dos maiores receios do PMDB em participar das manifestações pela saída de Collor era serem vaiados pelos militantes do PT.²⁶

Na sequência, a revista discorre sobre a alternativa que a “garotada” achou para evitar o conflito entre as agremiações: coibir o uso de bandeiras com identificação partidária, porém sem sucesso, pois, além da sociedade civil em geral, integrantes da OAB, da UNE, do Partido dos Trabalhadores (PT), do Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB) e do Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB)²⁷ participaram identificados nos protestos.

Outro ponto a destacar é que a *Veja* evidenciou a capacidade da juventude de protestar tendo posições ríspidas, mas externando a alegria e fazendo das passeatas grandes desfiles, comparando-as com o carnaval.

As palavras da garotada são duras, têm uma seriedade radical, mas as passeatas foram mais festas gigantescas que desfiles de sisudez marcial. Cada povo tem uma maneira própria de fazer história. Na Romênia, o comunismo foi derrubado a ferro e fogo, com centenas de mortes e a execução sumária do ditador Nicolae Ceausescu e sua mulher. Na Checoslováquia, o stalinismo ruiu silenciosamente devido à “revolução de veludo”, o movimento que, a partir de reuniões de artistas e intelectuais, acabou por corroer as bases do poder. No Brasil, o brio cívico tende a extravasar na forma de um humor cortante, do escrachado aberto. As manifestações têm um quê de Carnaval, de desfile de escola de samba.²⁸

25. *Veja* 1248: 19.

26. *Veja* 1248: 20.

27. Atualmente, Movimento Democrático Brasileiro (MDB) – renomeado em 2018.

28. *Veja* 1248: 19.

Sem adentrarmos nas reflexões sobre os desdobramentos dos governos da Romênia e da Checoslováquia, no fragmento aqui apresentado, fica evidente o posicionamento ideológico da revista, pois as comparações são extremamente antagônicas, em contextos e sistemas políticos diferentes. Enquanto nos países citados prezava-se pela defesa do comunismo, no Brasil, a governança defendida por Collor era por um Estado mínimo, pela abertura para o capital estrangeiro, ou seja, a reafirmação das preconizações do neoliberalismo.

A revista, nesta situação, ao validar as manifestações contra Collor, utiliza-se de fatos em contextos diferentes, criminalizando-os e, desse modo, reconhece que a pauta no Brasil é legítima porque há passividade dos protestantes, enquanto na Romênia e na Checoslováquia, os confrontos são malvistas, não pelo comportamento dos manifestantes, mas pelos interesses em pauta, que são contrários aos defendidos pela empresa Abril.

A *Veja* enaltece, ironicamente, a autêntica forma de protestar dos adolescentes/jovens que, em meio ao “caos”, conseguem deixar prevalecer a alegria, fazendo desse acontecimento um grande evento. Em outras palavras, encontra no comportamento dos Caras-pintadas o modelo esperado de atuação política, afinal, neste episódio, ambos possuem interesses comuns, embora diferentes discernimentos.

Na edição 1249, de 26 de agosto de 1992, embora a chamada principal da capa não aborde diretamente as manifestações, há a menção aos protestos na faixa superior à esquerda, onde se lê: “Fleury quer 1 milhão nas ruas pelo *impeachment*”. Na capa (Figura 3), há o desenho da silhueta de Collor, sem o rosto, e o título bem ao centro da página atesta: “O Brasil renuncia a Collor. A voz do povo chega ao congresso”.

Os textos jornalísticos tratam a situação política com enfoque em diversos assuntos sobre o governo. Nas primeiras páginas, Luiz Antônio Fleury Filho, então governador de São Paulo, interveio nas manifestações, as quais, segundo a *Veja*, ele chamou de “soltas”, atuando no chamamento para os atos, pois, em sua concepção, deveriam ser organizadas, ter um direcionamento, supondo a possibilidade de que: “... sem direção, a campanha de rua pela saída do presidente se torne presa fácil de agentes provocadores”.²⁹

A página 30 é toda ocupada por apenas uma fotografia aérea (Figura 4) da passeata que reuniu um significativo número de manifestantes no Rio de Janeiro. O registro os mostra, em maioria, vestindo roupas em vários tons de azul, de braços erguidos e de mãos dadas.

Na parte inferior da imagem, o título em fonte branca anuncia: “A voz das ruas – Sem esperar pelo chamado dos políticos, o povo ocupa as ruas com o negro do luto e agora começa a resgatar o verde-amarelo da Nação”.³⁰ O título confronta a exteriorização de Fleury, que defendeu uma institucionalização da organização dos atos, a fim de garantir ampliação no número de participantes.

29. *Veja* 1249: 18-19.

30. *Veja* 1249: 30.

Figura 3. Capa da edição 1249 da revista Veja



Fonte: *Veja* 1249 [São Paulo] 26 de agosto de 1992.

Figura 4. “A voz das ruas”



Fonte: *Veja* 1249 [São Paulo] 9 de agosto de 1992: 30-31.

As imagens expressas na Figura 4 também ocupam um grande espaço e dividem a diagramação em boxes. No conteúdo imagético elaborado pela *Veja*, há representações distintas que, no texto jornalístico, foram abordadas indiretamente. Na fotografia localizada no lado direito da página, há três jovens em uma avenida; a legenda anuncia que se trata de uma concentração no Rio de Janeiro, na beira da praia. Um dos jovens está enrolado com a bandeira do Brasil que, no lugar da expressão positivista “Ordem e Progresso” traz a frase “Fora Collor”; ainda, em sua cintura, há a palavra *impeachment*. Na legenda constam quatro autorias das fotografias sem uma ordem específica: Oscar Cabral, Paulo Jares, Marcelo Carnaval e o Globo.

Ao lado do box, próximo ao centro da revista, há uma fotografia menor, onde é possível ver a silhueta de mais pessoas ao fundo, mas, em destaque, está um jovem usando óculos de sol e segurando um “pirulito” com a frase: “Collor: Faça como Getúlio fique até o fim”. A *Veja*, na legenda da imagem, expressou que a atitude do manifestante foi agressiva: “Humor e Agressão: lembrando o gesto trágico de Vargas”. A outra imagem, na parte superior da página, é uma sátira sobre as mazelas do Planalto.

No texto, a *Veja* referiu-se às manifestações como “espetáculo”, conforme o trecho:

Na semana passada, as principais cidades do país assistiram ao espetáculo do povo em movimento, com sua carga corrosiva de bom humor, deboche e irreverência. Encheu ruas, praças e praias, engarrafou avenidas, celebrou, buzinou e xingou. O protesto foi preparado por passeatas de estudantes secundaristas de rosto pintado de batom e tinta guache, arrastou profissionais de classe média e acabou dando novo ânimo aos persistentes e solitários adversários do governo Collor, os aposentados, tungados no reajuste de 147%.³¹

Para cada adjetivo positivo, a *Veja* contrapõe um negativo. É como se para legitimar uma iniciativa juvenil, fosse preciso ressaltar o “apesar de”. Essas narrativas são muito comuns, pois aos jovens são sempre relacionados problemas sociais, ou a capacidade de causar a desordem.

Além do desejado “Fora Collor”, das acusações de “Ladrão...” e do recado ao Congresso (“se não tirar o pau vai quebrar”), os participantes falam sobre episódios vivenciados por Collor e Rosane para exigir sua saída: a frase “cheira Fernandinho que acabou sua carreira” rememora a afirmação de Pedro Collor na entrevista concedida à *Veja*,³² que, durante a juventude, o presidente teria sido usuário de cocaína; e o diminutivo “Fernandinho” alude, mais uma vez, à propaganda da UStop, usado também para diminuir a figura do presidente associando-o à “molecagem” e à irresponsabilidade de ser um usuário de drogas.

O pedido “Collor na cadeia e Rosane sem mesada” refere-se aos benefícios da primeira dama nos esquemas do marido: foi pelo envolvimento com fraudes,

31. *Veja* 1249: 31.

32. *Veja* 1236.

corrupção e peculato frente à Legião Brasileira de Assistência (LBA), conforme Pedro Collor denunciou em seu livro, que Rosane pagou reformas da Casa da Dinda, em Brasília, comprava roupas e esbanjava dinheiro público em viagens internacionais.³³

Cantigas serviram para denunciar o presidente da forma sarcástica que apenas a juventude é capaz de elaborar, e merecem bastante atenção, pois registraram no tempo episódios da trajetória do presidente. Quando a juventude gritava “Não é de carro, de trem nem de avião...”, não se tratava apenas da construção de rimas, mas era incorporada aos gritos de protesto uma denúncia acerca das origens de um presidente que na juventude, por pertencer à elite, exibia-se desfilando em carros caros e, já no posto mais alto do poder executivo, “na costa leste da África – viajavam a bordo de um jato Falcon-900, especialmente alugado por Paulo César Farias a uma empresa suíça por 400 mil dólares”.³⁴

Em resposta contrária ao pedido do presidente para que se saísse às ruas de verde-amarelo, está o último box, no qual é realizado o chamamento para as próximas manifestações nas principais capitais. A veiculação das agendas dos atos pela *Veja*, certamente, contribuiu para divulgar e captar mais adeptos ao movimento, pois – conforme a própria revista – as passeatas aconteciam de forma bem-humorada.

Do mesmo modo, as informações fornecidas pela revista indicaram ao leitor onde aconteceriam as próximas manifestações, o que deixou evidente sua opinião sobre os protestos, pois se o semanário fosse contrário aos atos, não iria informar ao leitor como aderir ao movimento. Ao realizar uma narrativa favorável aos eventos massivos, a revista contribuiu para sua ampliação, reconhecendo ainda a diversidade nas manifestações:

Para esse fim de semana, em Belo Horizonte, as crianças que moram nas vizinhanças da Praça da Liberdade estão sendo convidadas para participar de um evento batizado de “Atirei o pau no Collor”. As passeatas do negro levantaram os adolescentes, fizeram quarentões retornar para casa com os pés em forma de hambúrguer após caminhadas quilométricas, levaram crianças e até cachorros fantasiados para as ruas e já fixaram a grande estrela do céu político. Com preto e com verde-amarelo, o povo voltou – e está na rua fazendo história.³⁵

Os protestos retratados na edição 1249 são de uma manifestação contrária ao pedido de Collor em solenidade no Palácio do Planalto:³⁶ no dia 13 de agosto de 1992, o presidente solicitou a seus apoiadores que fossem às ruas e ornamentassem suas casas e carros com as cores verde e amarelo – o que não aconteceu, como registra a Figura 5.

33. Pedro Collor de Mello. *Passando a limpo: a trajetória de um farsante* (Rio de Janeiro: Record, 1993): 100-101.

34. Mello 121.

35. *Veja* 1249: 36.

36. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=eKky7ZpXxU>.

Figura 5. A bandeira do Brasil em preto e branco



Fonte: *Veja* 1249 [São Paulo] 26 de agosto de 1992: 33.

As pessoas vestidas de preto, seguram um cartas da bandeira em preto e branco, cuja frase diz ainda: “Devolva as nossas cores ladrão”. A legenda da fotografia, sem autoria, é: “A bandeira do Brasil em preto-e-branco: a resposta ao apelo verde-amarelo do presidente Collor”.

Embora o dia 16 de agosto de 1992 tenha ficado conhecido como “domingo negro”, pois os adolescentes e jovens saíram usando a cor preta, o movimento, nas manifestações seguintes, passou a apropriar-se das cores da bandeira, como se fosse uma retomada da nação – o que a *Veja* noticiou como um grande ato patriótico, segundo o excerto: “as cores da bandeira reapareceram com mais vigor, numa prova de que, quando se torna necessário, as ruas se encarregam de resgatar o orgulho e o símbolo da nação”.³⁷

Vale destacar também que as manifestações não ocorreram somente no Brasil: a fotografia de autoria de Marco Antonio e André Camara (Figura 6), registra o ato que aconteceu em frente à embaixada brasileira, em Londres, com a participação de aproximadamente 50 pessoas. A imagem é parte integrante da construção da narrativa utilizada pela *Veja*, porém é apenas ilustrativa, visto que não há menção a ela no texto da matéria.

A edição 1250, de 2 de setembro de 1992, tem como título principal “A guerra do *impeachment*”, seguido de “Collor parte para o contra-ataque / O PFL entra em pane / Cresce a pressão pela renúncia”. As informações em texto sobrepõem-se à fotografia de mãos pintadas com tintas nas cores verde e amarela (Figura 7).

37. *Veja* 1249: 31-32.

Figura 6. Protesto em Londres



Fonte: *Veja* 1249 [São Paulo] 26 de agosto de 1992: 36.

Figura 7. Capa da edição 1250 da revista *Veja*



Fonte: *Veja* 1250 [São Paulo] 2 de setembro de 1992.

O texto jornalístico que ocupa dezenove páginas desta edição apresenta ao leitor informações sobre a situação política do país, e discorre sobre as tentativas do presidente em conseguir votos a seu favor para impedir a abertura do processo de *impeachment*. Embora a Seção Brasil tenha diversas imagens das manifestações, quase todas são ilustrativas pois não dialogam diretamente com o texto. Sobre os protestos, a revista publicou as seguintes informações:

Na primeira semana do domingo negro, realizaram 39 manifestações pelo impeachment, que levaram uma plateia de estudantes e cidadãos de classe média às ruas das grandes capitais. Na segunda semana, contabilizaram-se 41 manifestações, incluindo uma greve nas principais indústrias do ABC paulista. O protesto chegou a cidades distantes dos grandes centros urbanos, como Ilha Solteira, em São Paulo, Ivaporã, no interior do Paraná. Numa estimativa que não toma por base as projeções convencionais feitas pelos próprios organizadores, mas um cálculo a partir da área ocupada, apenas na terça-feira da semana passada 480.000 pessoas foram às ruas protestar em São Paulo – metade com os secundaristas na Avenida Paulista, a outra metade no Vale do Anhangabaú. Para a semana que vem, quando haverá o 7 de Setembro, também estão previstas novas manifestações.³⁸

Embora de abrangência nacional, a revista sempre evidenciou os acontecimentos nas grandes capitais, mesmo citando “as cidades distantes dos grandes centros urbanos”.³⁹

No quadro que ocupa a metade da diagramação, intitulado “7 de Setembro Negro – Collor quer ir ao desfile e atemoriza militares”, o texto apresenta ao leitor a preocupação das Forças Armadas com a participação do presidente no tradicional desfile cívico, pois “Pode haver vaias”, disse um oficial.⁴⁰

Os militares não têm como evitar apupos nem como impedir que se use o preto em protesto. O que está certo é que não tolerarão faixas. “Não é uma questão de defender o presidente, mas é nosso dever coibir um ato político dessa natureza”, explica o oficial. “Nossa situação é muito complicada”, acrescenta. Complicada mesmo, principalmente porque a Constituição assegura a liberdade de expressão e não há nenhuma lei que torne o 7 de Setembro uma festa exclusivamente militar.⁴¹

Ao publicar essa matéria, assim como tantas outras, a revista assumiu uma postura dúbia, pois não tornou claras suas intenções: se fortalecia as manifestações contrárias ao presidente no dia 7 de setembro ou alertava que se tratava de uma festa cívica onde o objetivo deveria ser, apenas, celebrar a Independência do Brasil.

38. *Veja* 1250: 22–23.

39. *Veja* 1250: 23.

40. *Veja* 1250: 27.

41. *Veja* 1250: 27.

A edição 1253, de 23 de setembro de 1992, faz uma breve abordagem sobre as manifestações, em duas páginas. O leitor tem acesso a três fotografias com foco na grande quantidade de manifestantes em São Paulo, no Rio de Janeiro e em Curitiba (Figura 8).

Com o título “De volta às ruas”, a *Veja* informa ao leitor sobre o crescente número de protestos em favor da saída do presidente, e as imagens “provam” a seus consumidores as afirmações realizadas pela narrativa apresentada no editorial. Abaixo do título, *Veja* complementa: “Manifestantes batem recordes de público em atos pelo impeachment de Collor e se organizam para parar o país no dia da votação na Câmara”.⁴² O texto jornalístico, ao dar destaque ao número de participantes nos principais atos pelo país e, ao afirmar que “As multidões voltaram às ruas”, propõe-se a despertar no leitor o interesse pela participação, pois lhe comunica que haverá uma grande vigília no dia da votação final do *impeachment* na Câmara dos Deputados.

A *Veja* não se refere às manifestações como o “Movimento dos Caras-pintadas”, ao contrário, afirma que a próxima manifestação, a vigília, seria organizada pelo Movimento Ética na Política (MEP), convocado pela OAB. O MEP defendia a oposição ao neoliberalismo e lutava contra o desemprego, a inflação e o arrocho salarial, sustentando uma bandeira progressista.

Figura 8. Manifestações em São Paulo, Rio de Janeiro e Curitiba



Fonte: *Veja* 1253 [São Paulo] 23 de setembro de 1992: 30-31.

42. *Veja* 1253: 30.

As fotografias (Figura 8) mostram multidões e, em duas delas, é possível perceber que a grande maioria dos manifestantes é de adolescentes/jovens, mas poucos estão com os rostos pintados. Nas três imagens aparecem as faixas e bandeiras de apoio ao movimento “Fora Collor”, e de organizações como a CUT, a UBES, o PT, o Partido Democrático Trabalhista (PDT), a União da Juventude Socialista (UJS) e a UNE. A fotografia da página 31 é de autoria de Antônio Milena, já as demais não possuem referências⁴³ ou, a revista, ao diagramar, não deixou claro que todas são do mesmo fotógrafo.

O texto, indiretamente, aponta o sucesso das manifestações: “É a primeira vez que se assiste a um ato com tanta gente sem o auxílio do Estado”,⁴⁴ legitimando a capacidade da participação política da sociedade civil, o que a revista reforça ao informar que:

As catracas do metrô não foram liberadas para transportar os manifestantes, as escolas públicas não suspenderam as aulas nem o funcionalismo foi dispensado do trabalho. O PMDB paulista trouxe 100 ônibus do interior e os metalúrgicos do ABC e outros sindicatos filiados à CUT mobilizaram outros 150.⁴⁵

O fragmento aqui apresentado evidencia que, para além de estudantes, as manifestações estavam cada vez mais ganhando o apoio popular, e passaram a contar com a participação efetiva de outras organizações, como sindicatos, por exemplo, e partidos políticos. O “ânimo vigorado das manifestações” agregou – ou pelo menos passou a dar mais notoriedade – à participação de lideranças e seguimentos. Segundo a *Veja*,

O ânimo revigorado das manifestações trouxe uma novidade para os palanques. Com um início cheio de espontaneidade, a voz das ruas começou com os estudantes e adolescentes, ganhou o reforço dos pais e desembocou na semana passada num palanque eclético. Foi da prefeita de São Paulo, Luiza Erundina, do PT, à prefeita de Natal, Wilma Maia, sem partido, do ex-governador Orestes Quércia ao seu inimigo de morte, o governador Roberto Requião, do Paraná.⁴⁶

O excerto nos provoca as seguintes reflexões: há a necessidade da revista *Veja* evidenciar o “reforço” dos pais para legitimar as manifestações, que começaram a partir da iniciativa da juventude? Ou será, simplesmente, a veiculação de que o movimento ganhou tanta força, que até mesmos os pais e outras lideranças aderiram aos atos? Em ambas percebemos, mesmo que implicitamente, a desconfiança

43. A *Veja* utiliza diferentes formas de artifícios para o convencimento do leitor. Uma dessas formas, perceptível nas produções, sejam elas imagens e/ou textos, é a “neutralidade” que se manifesta na falta de assinaturas dos seus autores, ou seja, a construção do “sujeito” *Veja*, conforme afirmação de Carla Silva (2005): 17.

44. *Veja* 1253: 30.

45. *Veja* 1253: 30.

46. *Veja* 1253: 30.

na capacidade da organização juvenil, como se fosse algo que precisasse ser controlado e/ou monitorado.

O texto segue discorrendo sobre o ecletismo das manifestações e faz a divulgação aos leitores das capitais onde ocorreriam os próximos atos. Segundo a revista,

Com data da decisão final sobre o impeachment cada vez mais próxima, a tendência é que as manifestações se generalizem e o ecletismo se amplie. Para esta semana, o Movimento pela Ética na Política, o variado consórcio de lideranças políticas, sindicais e empresariais que dirige as forças pelo impeachment, já preparou um calendário até quarta-feira. Serão atos no Rio de Janeiro, em Salvador, no Recife e em Porto Alegre.⁴⁷

A revista diferencia o Movimento dos Caras-pintadas do Movimento Ética na Política quando se refere a esse último como “consórcio de lideranças”, citando as personalidades políticas, empresariais e sindicais, mas não mencionando os estudantes. Sendo assim, essa conduta da *Veja* aponta que não há apenas um movimento, mas várias expressões pelo mesmo objetivo: o *impeachment*.

Na Seção Brasil da edição 1254, publicada em 30 de setembro de 1992, foram publicados cinco artigos em 20 páginas, todos discutindo os desdobramentos da votação do processo de *impeachment*: o primeiro fala sobre a tentativa de Fernando Collor de controlar a “debandada” dos seus, agora, ex-apoiadores; o segundo trata da mobilização de Ulysses Guimarães em defesa do impedimento; o terceiro relata a preparação de Itamar Franco para assumir a presidência e os nomes cogitados para assumir os ministérios; o quarto apresenta os comportamentos dos ministros e as discussões no Supremo Tribunal Federal (STF); o quinto e último, com o título “Pedagogia nas urnas”, trata da falta de “interesse nas campanhas municipais”, em virtude do processo de *impeachment*.⁴⁸

A primeira imagem de uma manifestação (Figura 9) a aparecer nesta edição está no segundo artigo jornalístico, e retrata uma manifestação em Salvador. Nela há uma cor que predomina entre as demais, chamando atenção: o vermelho.

Na fotografia de Fernando Vivas, os manifestantes estão com as mãos levantadas, segurando bandeiras, na maioria fechadas, destacando-se uma do PC do B ao fundo. Bandeiras amarelas têm a palavra *impeachment* em uma tarja preta. É possível identificar que os manifestantes são adultos e apenas dois têm os rostos pintados com a cor preta.

A legenda da imagem bastaria para informar ao leitor sobre a manifestação, mas a revista reforça a ideia no texto jornalístico legitimando, mais uma vez, a pressão nas ruas que está impulsionando o processo contra o presidente. Assim como em outros momentos, a *Veja* divulga as formas de protestos previstas, as organizações que estavam aderindo e seus públicos.

47. *Veja* 1253: 30.

48. *Veja* 1254: 20-24; 26-29; 30-34; 36-38; 39-40.

Figura 9. Manifestação em Salvador



Fonte: *Veja* 1254 [São Paulo] 30 de setembro de 1992: 28-29.

A reportagem, ao publicar o grande número de participantes nas manifestações seguintes, as diferentes modalidades de protestos (“barulhão”), e a articulação do MEP, apresenta positivamente as articulações e a exposição da insatisfação popular contra o presidente como o único meio possível de solucionar as demandas emergentes do país. A *Veja* utiliza-se dos acontecimentos para legitimar sua mudança de discurso em relação a Collor, na busca por uma tentativa de se expor enquanto uma ferramenta democrática e isonômica, ou – como grande parte dos meios de comunicação – responsável por um jornalismo neutro. Na capa dessa edição o presidente veste terno preto e está de costas, como se estivesse indo embora. O título anuncia: “Chegou a Hora”.

Ainda em 30 de setembro de 1992, a revista *Veja* publicou uma “edição histórica extra” (1255) com a fotografia de Collor de cabeça baixa. A edição fez uma retrospectiva de todas as denúncias ao governo de Collor e seus desdobramentos.

No sumário da edição há a descrição do conteúdo jornalístico e a página onde está publicada a matéria. Dentre as imagens, uma é dos protestos, porém sem informações (Figura 10).

A fotografia de Moreira Mariz mostra uma manifestação com um grande número de jovens com cartazes – em um está escrito “Fora Collor”, do outro não é possível identificar o texto em sua totalidade, mas as primeiras letras são: PEC, provavelmente a abreviação de Proposta de Emenda à Constituição – e duas ban-

Figura 10. Manifestantes com cartazes



Fonte: *Veja* 1255 [São Paulo] 30 de setembro de 1992: s/n.49

deiras: uma ao fundo, vermelha, e outra azul que, provavelmente, seja de alguma entidade estudantil, como a UBES.

O texto que a acompanha diz o seguinte: “O povo decidiu nas ruas – Revoltado com os abusos do governo, o povo foi às ruas pedir o fim da impunidade. O eco chegou ao Congresso e virou o jogo pró-*impeachment*”.⁵⁰ Nesta mesma página, no canto inferior à direita, com a fonte menor no rodapé, a revista informa a quantidade de tiragem, 850.000 exemplares, da edição extra.

As narrativas da edição 1255 (de 30 de setembro de 1992) são predominantemente imagéticas. No que se refere às manifestações, há onze imagens – publicadas junto à matéria – que representam os atos diretamente: três que retratam jovens com os rostos pintados de verde e amarelo; quatro com a presença de alegorias/fantasia; três de passeatas (onde aparecem multidões de pessoas), e uma do manifesto realizado pelo grêmio estudantil S.V.P.

Há uma pequena foto na página 23 (Figura 11), em que um jovem com o rosto pintado de verde e amarelo, usando uma máscara antigás, segura um cartaz com a frase “Esse Collor não cheira coisa boa” e, ao lado, um desenho de fezes. A fotografia é de autoria de André Penner.

No registro de autoria de Eduardo Albarelho (Figura 12), uma jovem com cabelos ruivos tem uma faixa branca na testa com a palavra justiça escrita em azul e,

49. Edição adquirida na internet. A revista não está completa e pode não estar com a paginação em ordem.

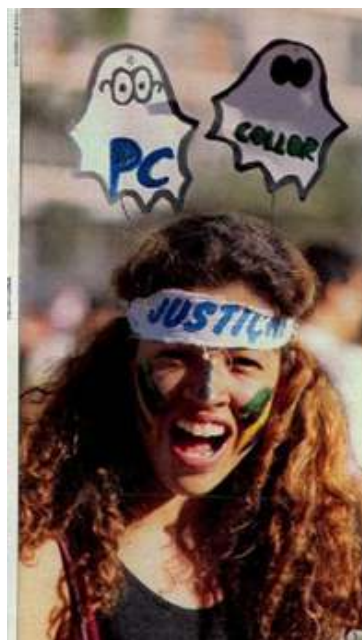
50. *Veja* 1255: 22.

Figura 11. Manifestante com cartaz



Fonte: *Veja* 1255 (São Paulo) 30 de setembro de 1992: 23.

Figura 12. Jovem manifestante pedindo justiça



Fonte: *Veja* 1255 (São Paulo) 30 de setembro de 1992: 24.

presos aos cabelos, os desenhos de dois fantinhas, um com as iniciais PC (referência a PC Farias) e o outro com o nome Collor. Seu rosto está pintado com as cores verde, amarelo e preto, e ela olha diretamente para a câmera, com a boca aberta.

Na Figura 13 aparecem sete jovens com os rostos pintados, carregando bandeiras do Brasil, e outras não identificadas (vermelha e amarela); alguns deles têm os punhos cerrados. Não há legenda específica para esta fotografia de autoria de André Penner, mas o texto jornalístico que compõe a matéria intitulada “A vitória do povo” discorre sobre a participação popular nas manifestações e traz exemplos de como cidadãos “comuns” participaram da “festa da democracia”, ao citar o motorista Eriberto França e a secretária Sandra de Oliveira, fundamentais nos depoimentos à CPI: “Sandra e Eriberto deram às investigações os empurrões que faltavam para que elas chegassem a um desfecho irrefutável. Foi então que, começando a se sentir de fato acuado, Collor apelou para a disputa de cores nas ruas, naquele desafio insano”.⁵¹

51. *Veja* 1255: 22

Figura 13. Jovens manifestantes



Fonte: *Veja* 1255 [São Paulo] 30 de setembro de 1992: 25.

Figura 14. Manifestação em Recife



Fonte: *Veja* 1255 [São Paulo] 30 de setembro de 1992: 24.

A fotografia de autoria de Dorival Elze (Figura 14), em Pernambuco, recebe a legenda “... os jovens do Recife (à dir.) e a garota paulistana exibiram seu clamor com sorrisos, cartazes divertidos e criatividade”.⁵²

Vestida de preto, a “garota paulistana” chama atenção, pois demonstra um outro tipo de comportamento: segura um cartaz com o formato de um porco de óculos e bigodes, podendo tratar-se de uma sátira, uma caricatura de Paulo César Farias, onde está escrito “Cadeia aos verdadeiros PORCOS (grifo do autor)”. A frase destaca o P e o C, reforçando a referência ao “testa de ferro” do presidente. Na mesma mão em que está o adereço, entre os dedos, a jovem segura o cigarro.

A prática de fumar entre os adolescentes/jovens, ao contrário da atualidade, por muito tempo representou uma expressão da rebeldia, de transgressão, de um hábito culturalmente permitido apenas aos adultos. O jovem ao seu lado está distraído, olhando para o cartaz.

Classificamos as imagens a seguir como “passeatas”, pois interferem na construção da representação do que foram as manifestações. A fotografia de autoria de Roberto Loffel ocupa quase toda a página 23 da edição 1255 da revista, e mostra os destaques do ato que, segundo a legenda, aconteceu na Avenida Paulista (Figura 15). A rua está tomada por uma multidão que, como de costume, carrega bandeiras e faixas; em algumas delas é possível ler “Fora Collor”.

“A imprensa denuncia, a CPI apura e o povo derruba”, é a frase da faixa do curso de jornalismo da USP, na fotografia de Marcos Rosa (Figura 16).

Na fotografia de Antônio Milena (Figura 17) há uma enorme faixa de tecido, da UNE e da UBES, carregada por vários jovens, onde se pode ler “Fora Collor / *Impeachment*”. Ao fundo da imagem há uma bandeira azul da UBES, com tama-

52. *Veja* 1255: 24

Figura 15. Avenida Paulista



Fonte: *Veja* 1255 (São Paulo) 30 de setembro de 1992: 23.

Figura 16. O povo derruba



Fonte: *Veja* 1255 (São Paulo) 30 de setembro de 1992: 25.

Figura 17. Cartaz *impeachment*



Fonte: *Veja* 1255 (São Paulo) 30 de setembro de 1992: 41.

inho bastante significativo, e outras menores sendo carregadas pelos demais manifestantes.

A narrativa da revista sobre as manifestações é sempre semelhante. Ela retoma o fato de o presidente ter tentado angariar apoio quando pediu que o povo saísse às ruas e/ou pendurasse tecidos nas cores da bandeira do Brasil, mas ressalta que aconteceu o contrário, pois, apesar dos manifestantes não terem abandonado o verde e o amarelo em sinal de patriotismo, a predominância, naquele ato, foi o uso do preto para simbolizar o luto.

A revista *Veja* foi moldando uma representação do Movimento dos Caras-pintadas através das publicações imagéticas e textuais entre agosto e dezembro do ano de 1992. E, para transparecer credibilidade, usou informações que pudessem provocar esse sentimento nos leitores. Assim como na capa da edição 1248, de 19 de agosto de 1992 (Figura 1), a edição extra (1255, de 30 de setembro de 1992) publicou uma fotografia (Figura 18), de autoria de Oscar Cabral, de uma manifestação realizada pelos estudantes da mesma escola onde estudou o presidente em sua juventude.

A matéria apenas informa na legenda que se tratam de “alunos do São Vicente de Paulo, no Rio, onde estudou Collor...”. Não é possível identificar se a manifestação é a mesma que já havia sido retratada na capa, ou se eram novos protestos.

Figura 18. Estudantes do São Vicente de Paulo



Fonte: *Veja* 1255 [São Paulo] 30 de setembro de 1992: 24.

Um dos elementos é o mesmo: a faixa com informações sobre o grêmio, o desenho de uma camiseta listrada (presidiário) e a frase “Bonita Camisa Fernandinho”, mas sem menção nenhuma ao protesto. Não é possível afirmar se a manifestação aconteceu no mesmo dia, e se as fotografias foram registros de momentos e ângulos diferentes do mesmo evento, pois o público se diferencia, mas pode ser que a dinâmica da passeata tenha mudado e outros jovens tenham transportado a faixa. Porém, a *Veja* não fornece elementos suficientes para uma conclusão.

Nas fotos da edição extra, em que há jovens em destaques, não há nenhum sujeito que não seja de etnia branca. Os adolescentes/jovens negros aparecem nas multidões, mas nunca em primeiro plano. Essa constatação é importante, pois a *Veja* molda as representações (fotografia e texto) reforçando uma questão de classe ao preferir colocar escolas particulares e faculdades e, conseqüentemente, destacar a população branca. Não necessariamente a classe média, público-alvo da revista, é representada, mas porque no geral, as manifestações também incluem trabalhadores e outras faixas etárias, desmitificando o movimento como uma organização apenas juvenil, e se cria uma construção do discurso sobre o Movimento dos Caras-pintadas.

Os adolescentes/jovens foram essenciais e conformaram o diferencial para que a mídia desse visibilidade às manifestações sem tentar, em um primeiro momento, criminalizá-la, embora suas narrativas façam uma representação conservadora so-

bre esses sujeitos. Santos afirmou que a mídia, especificamente a *Veja*, forjou uma generalização sobre a juventude ao tentar realizar uma homogeneização:

Os “*caras pintadas*” emergiram com uma proporção muito grande, sobretudo pela visibilidade que lhes era atribuída pelos meios de comunicação hegemônicos. E, de fato, participaram das manifestações, protestaram, foram contra as notícias de corrupção associadas ao presidente. Mas, ainda assim, a fabricação forjada pela mídia acerca da juventude, principalmente a da revista *Veja*, nos parece controversa. Primeiro, por haver uma homogeneização da categoria e, segundo, pelo tratamento dado: como se todos os jovens tivessem participado e soubessem exatamente o que faziam nas mobilizações de rua.⁵³

No texto jornalístico foi construída a narrativa de que a pressão do povo foi fundamental para que houvesse a posição a favor da maioria no processo de *impeachment*, provocando uma aproximação entre os fatos e os leitores. À margem da página, a *Veja* descreve como compreende a participação da população: “A queda de Collor foi decidida nas ruas. Com indignação, sede de justiça e alegria, as multidões é que deram um basta a todo o abuso”.⁵⁴

Embora um dos textos da matéria da Seção Brasil faça menção às manifestações, ela é rápida, sem reflexões e/ou aprofundamentos. A revista apenas parece utilizar os acontecimentos para legitimar todo o processo de abertura da CPI e da pressão sofrida por Collor para renunciar.

Portanto, a revista *Veja* legitimou as manifestações e construiu uma representação de que o povo estava nas ruas com sede de justiça, contra a velha política – posição que Collor disse ocupar durante as campanhas eleitorais – mas enfatizou que, apesar de todas as adversidades, houve alegria nessas demonstrações.

A última edição analisada, número 1268, foi também a última a ser publicada no ano de 1992, em 30 de dezembro. Numa capa verde, com os títulos em amarelo, um desenho de Collor de terno azul – cujo paletó imita uma camiseta de força fechada com um cadeado – e faixa presidencial, é escrito: “1992 – O ano glorioso em que nos livramos d’elle” (Figura 19). O título anuncia que a *Veja* se sente parte dos movimentos que exigiram a saída/renúncia/*impeachment* de Collor; os dois “l” na palavra “dele” repetem o marketing do candidato durante sua campanha eleitoral. Na tarja amarela, a revista anuncia “Impeachment – As manobras da camarilha da Dinda”.

Na Seção Brasil, *Veja* faz uma linha do tempo sobre os acontecimentos envolvendo Collor no ano de 1992, mas as manifestações contrárias a ele não aparecem, apenas o pedido do presidente para que os brasileiros saíssem às ruas vestindo verde e amarelo em apoio ao governo. A única menção aos protestos foi quando a revista publicou que “1992 também foi um ano maravilhoso, histórico. O Brasil

53. Claitonei de Siqueira Santos. “Veja o que a Veja fez: o jogo de ocultamento dos jovens nas manifestações de 1992” (Tese de doutorado, Universidade Federal de Goiás, 2020): 58.

54. *Veja* 1255: 22.

Figura 19. O ano glorioso



Fonte: *Veja* 1268 (São Paulo) 30 de dezembro de 1992.

inteiro reagiu. Numa revolução pacífica, eficaz e irresistível como os levantes que puseram abaixo as ditaduras do Leste Europeu, o presidente foi deposto e responde inquirido policial”.⁵⁵

No fragmento, é possível ver que a *Veja* generaliza ao dizer “o Brasil inteiro reagiu” e complementa “numa revolução pacífica [...] o presidente foi deposto”. No entanto, não houve somente posições contrárias ao governo de Collor: movimentos a favor também participaram das disputas discursivas, mas não tiveram a mesma repercussão em virtude da baixa adesão.

Considerações finais

A edição 1236, publicada no dia 27 de maio de 1992, com a chamada “Pedro Collor conta tudo”, foi o marco que estabeleceu a ruptura do apoio de *Veja* a Collor. A mudança da narrativa em relação ao presidente foi acontecendo de forma gradual, pois houve a tentativa, em um primeiro momento, de resguardá-lo, o que se tornou insustentável frente às denúncias de peculato, corrupção passiva/

55. *Veja* 1268: 32.

ativa e falsidade ideológica feitas pelo seu próprio irmão, Pedro Collor. A revista *Veja* apoiou Collor enquanto ele representava seus mesmos interesses, e sua expertise para projetar-se nacionalmente foi o diferencial ao personificar as predileções do grupo dominante na política. Não houve uma crise da política neoliberal, mas uma crise de governo⁵⁶ e, portanto, a ruptura da *Veja* foi com Collor, e não com o espectro da política ao qual pertencia. A mídia é um campo de produção de representação que leva os seus consumidores a afirmarem ou rejeitarem ideologias presentes no imaginário social.⁵⁷

As publicações seguintes continuaram a noticiar as crises no governo, acompanhar os desdobramentos da CPI e realizar a cobertura das manifestações que eclodiram em todo o país. A revista informou sobre os locais dos atos, principalmente aqueles que aconteceram nas grandes capitais, como Belo Horizonte, Salvador, Recife, Porto Alegre, mas sempre dando muito mais destaque para o eixo Rio-São Paulo.

A *Veja* informou o leitor e contribuiu com as manifestações ao legitimá-las nas representações textuais e iconográficas publicadas em seus conteúdos. A utilização do recurso visual a partir do uso de imagens, fotografias e estética do texto contribuiu no processo de introduzir no imaginário social narrativas positivas sobre o acontecimento histórico, causando nostalgia naqueles cuja faixa etária ultrapassa os 40 anos, mas podendo causar esse mesmo sentimento em sujeitos que não participaram dos eventos como “testemunhas oculares da História”.

As imagens foram fundamentais na construção das narrativas sobre as manifestações, pois validaram os acontecimentos, mesmo quando serviram apenas como ilustrações, sem serem abordadas no texto jornalístico. Entendemos que “A imagem como conjunto simbólico promove a partir de seu conteúdo (imagética) influência direta na tomada das representações sociais como elementos cognitivos para a compreensão do contexto social vigente”⁵⁸ e, assim, ao explorar conteúdos muito mais imagéticos do que textuais, a revista *Veja* interferiu na construção de uma representação sobre o Movimento dos Caras-pintadas, que reverbera até hoje como um modelo de luta e organização civil no campo da política.

A revista, em nenhuma edição, referiu-se às manifestações, organizadas por distintos segmentos da sociedade civil, como o “Movimento dos Caras-pintadas”, mas noticiou que os jovens pintavam os rostos para demonstrar a indignação em relação ao governo. A apropriação do estereótipo da juventude introjetou o sentimento de ser, ou querer pertencer, ao movimento que influenciou, ocasionou ou cobrou a abertura do processo de impeachment.

56. Danilo Enrico Martuscelli, “Movimento Fora Collor: processo político e classes sociais”, *Novos Rumos* 52.1 (2015): 544.

57. João Gabriel do Nascimento Nganga, “História e propaganda: possíveis interações e reflexões”, *Cadernos do Tempo Presente* 28 (2017): 42.

58. Fábio de Oliveira Matos, “Um olhar sobre as representações sociais e a imagética na análise do espaço geográfico”, *ACTA Geográfica* 11.25 (2017): 97.

O primeiro presidente eleito diretamente após o regime civil-militar, que renunciou, na tentativa de livrar-se do processo de impeachment, e o movimento que foi uma grande expressão da vontade dos brasileiros, têm grande notoriedade entre os fatos políticos da história recente, não apenas por serem um exemplo de participação cívica, mas também – e sobretudo – pela cobertura massiva entre os meios de comunicação, que exerceram papel fundamental na consolidação de uma narrativa positiva em torno do Movimento dos Caras-pintadas que, até o presente momento, é rememorado como modelo de organização e postura de participação política.

A *Veja* aproveitou-se das manifestações, controlando-as do ponto de vista ideológico do movimento, ao tirar o caráter de radicalidade, de questionamento a um governo neoliberal, e reduzir a principal preocupação dos jovens à luta por ética na política e o fim da corrupção.

Os Caras-pintadas conformaram um movimento popular pontual em 1992, mas ainda são invocados em diferentes contextos de manifestações na busca pela validação dos atos e suas pautas, causando – até mesmo em quem não participou – um grande sentimento de nostalgia e pertença.

Fontes

Periódicos e Revistas

Veja (São Paulo) 1992.

Internet

Acervo Digital Revista *Veja*. <https://veja.abril.com.br/acervo/> (2020-2022)

Bibliografia

Dias, Luiz Antonio. “Política e participação juvenil: os ‘caras-pintadas’ e o movimento pelo impeachment”, *Revista História Agora* 4 (2008): 4-14.

Luz, Thaize Ferreira da. “A influência da mídia na queda de um presidente”, *Biblos* 16 (2004): 45-53.

Martins, Ana Luiza, “Da fantasia à História: folhando páginas revisteiras”, *História* 22.1 (2003): 59-79.

Martuscelli, Danilo Enrico. “Movimento Fora Collor: processo político e classes sociais”, *Novos Rumos* 52.1 (2015).

<https://doi.org/10.36311/0102-5864.2015.v52n1.8253> (20/03/2022).

Matos, Fábio de Oliveira. “Um olhar sobre as representações sociais e a imagética na análise do espaço geográfico”, *ACTA Geográfica*, 11.25 (2017): 95-

110.

- Mello, Pedro Collor de. *Passando a limpo: a trajetória de um farsante*. Rio de Janeiro: Record, 1993.
- Mische, Ann. “De estudantes a cidadãos: redes de jovens e participação política”, *Rev. Bras. Educ.* 5.6 (1997): 134-150.
- Nganga, João Gabriel do Nascimento. “História e propaganda: possíveis interações e reflexões”, *Cadernos do Tempo Presente* 28 (2017): 41-53.
- Santos, Claitonei de Siqueira. “Veja o que a Veja fez: o jogo de ocultamento dos jovens nas manifestações de 1992” (Tese de Doutorado, Universidade Federal de Goiás, 2020): 58.
- Policarpo, Ivan y Policarpo, Joice Lopes. “Marketing Político: o caso da campanha presidencial de Fernando Collor de Mello”, *Anais: 04 Congresso Virtual Brasileiro de Administração (Convibra)* (2004).
- Santos, Claitonei de Siqueira. “Veja o que a Veja fez: o jogo de ocultamento dos jovens nas manifestações de 1992. (Tese de doutorado, Universidade Federal de Goiás, 2020).
- Silva, Carla Luciana Souza da. “Veja: o indispensável partido neoliberal (1989 a 2002)”. (Tese de doutorado em História, UFF/UNIOESTE, 2005).
- Silva, Josimar Gonçalves. “A mídia na construção e destruição da imagem: o caso Collor de Melo”, *Revista Senso Comum* 2 (2012): 88-106.